

# **ORGULHO E PRECONCEITO (1813), DE JANE AUSTEN: SUBVERSÃO E SUBMISSÃO A PARTIR DAS PERSONAGENS ELIZABETH E JANE BENNET**

**Francisco Edinaldo de Pontes\***  
**Francis Willams Brito da Conceição\*\***

**RESUMO:** Este trabalho analisa as caracterizações das irmãs Elizabeth e Jane Bennet como representações da subversão e da submissão na Inglaterra Oitocentista. No romance *Orgulho e Preconceito* (1813), de Jane Austen, a investigação se baseou nos aspectos discursivos e comportamentais das personagens irmãs, a partir de leituras de Millett (1970), Muraro (2002), Woolf (2019), dentre outros. Ademais, partiu-se da seguinte hipótese: Elizabeth subverte-se através da fuga do casamento e do apego à leitura, enquanto Jane, submete-se pela candura e neutralidade.

**Palavras-chave:** Literatura Inglesa Oitocentista. Jane Austen. Personagens femininas. Subversão. Submissão.

## **Introdução**

Na presente pesquisa, objetivamos discutir sobre a “personagem”, considerada como uma das categorias narrativas mais importantes, senão, a mais importante, porque é através dela que as ações do enredo se desenvolvem. Desse modo, acreditamos que seja necessária a discussão acerca desse elemento narrativo. Sendo assim, este estudo consiste, especificamente, em uma análise sobre duas personagens mulheres – Elizabeth Bennet Jane Bennet –, assim como outros elementos que as configuram na narrativa, a saber: a subversão de Elizabeth e a submissão de Jane.

Diante disso, nos propomos a fazer uma investigação sobre duas personagens femininas do romance georgiano inglês *Orgulho e Preconceito* (1813), de Jane Austen, em que estudamos a postura destoante de Elizabeth em contraste com a postura conformista de Jane, ilustradas em seus posicionamentos perante o andamento dos núcleos narrativos. Ademais, discutiremos dois aspectos referentes à subversão de Elizabeth frente ao contexto social georgiano, e à submissão de sua irmã Jane diante da estrutura histórica, política e cultural dos séculos XVIII e XIX, no âmbito provinciano inglês; “cujas premissas incluem, sobretudo para as mulheres, o controle da emoção, a limitação da autoexpressão (*sic.*), a necessidade do casamento e do consequente cumprimento das atividades domésticas” (AZERÊDO, 2013, p. 25, grifo nosso).

Levando em conta o que Beth Brait (1987) discute sobre a relação personagem e contexto histórico, destacamos o modo como a protagonista Elizabeth Bennet apresenta um contraste entre a sua personalidade e a de diversas outras personagens femininas do romance, principalmente, em relação à sua irmã, Jane, contrariando, assim, o posicionamento das moças da sociedade inglesa dos séculos XVIII e XIX.

No que concerne ao encaminhamento metodológico, este artigo consiste em uma pesquisa qualitativa, de cunho bibliográfico e com uma abordagem de interpretação textual, remetendo-se ao método indutivo. Ademais, utilizamos como principal instrumento para a

---

\* Mestrando em Literatura e Interculturalidade pelo Programa de Pós-graduação em Literatura e Interculturalidade (PPGLI), da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Membro do Grupo Interdisciplinar de Estudos Literários Lusófonos (GIELLus/UEPB/CNPq). Publicou, dentre outros textos, “Memória e Testemunho em Meus verdes anos, de José Lins do Rego” e “Imanência e Dissidência: Elinor e Marianne como representações do feminino em Razão e Sensibilidade, de Jane Austen”. E-mail: edinaldopontesacademico@gmail.com

\*\* Doutorando em Teoria da Literatura no Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL), da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Membro do Grupo de Estudos Coloniais Latino-americanos (UFPE/CNPq) e do Grupo Interdisciplinar de Estudos Literários Lusófonos (GIELLus/UEPB/CNPq). Publicou, dentre outros textos, “Uma leitura das imagens da subversão do direito no Livro I da *Farsália*, de Lucano” e “Feminismo negro e Interseccionalidade na canção *Mulher do fim do mundo* (2015), interpretada por Elza Soares”. E-mail: francis.brito@ufpe.br

análise da obra literária o estudo de cunho estruturalista. Para tanto, nos baseamos nas concepções de Azerêdo (2013); Barros (2013); Brait (1987); Candido (2018); Farath e Junqueira (2018); Ferreira (2015); Forster (2005); Gancho (2006); Millett (1970); Muraro (2002); Woolf (2019); Zardini (2013).

### **Georgian Women: a representação do feminino na conjuntura oitocentista inglesa**

É possível afirmar que, não só em *Orgulho e Preconceito* (1813), mas em diversos outros romances da autora, tais como: *Razão e Sensibilidade* (1811), *Mansfield Park* (1814), *Emma* (1815), *A Abadia de Northanger* (1817), *Persuasão* (1817), *Lady Susan* (1871); as suas protagonistas são mulheres e sempre está explícita a situação subordinada delas no contexto social no qual elas se inserem. Dessa maneira, em relação aos aspectos peculiares da narrativa e às críticas presentes nas entrelinhas dos escritos de Jane Austen, bem como no que diz respeito à situação de subordinação das mulheres pré-vitorianas, Genilda Azerêdo (2013) afirma:

Há alguns traços recorrentes na ficção de Austen: as personagens protagonistas são todas mulheres; o enredo é construído tendo como base o universo doméstico, o casamento possui função proeminente – para as mulheres, significa respeito social e sobrevivência material: a narrativa sempre oferece às protagonistas a possibilidade de vivenciar um processo de conhecimento relevante sobre a vida, sobre elas próprias e sobre as relações amorosas e sociais (AZERÊDO, 2013, p. 23).

De acordo com o posicionamento de Genilda Azerêdo (2013), vemos detalhadamente os aspectos que compõem as narrativas de Austen, e conseguimos associá-los às características presentes no romance em análise. A protagonista de *Orgulho e Preconceito* (1813) é Elizabeth Bennet, a segunda mais velha das cinco filhas, amiga íntima de sua irmã Jane, a mais velha. Elizabeth também é, assim como Jane, considerada a mais madura, consciente e de comportamento adequado em comparação às irmãs mais novas, Kitty e Lydia. Embora o romance seja narrado em terceira pessoa, percebemos que os fatos da narrativa são detalhados sob a perspectiva da protagonista.

Através de elementos que compõem o texto literário, conseguimos identificar como Austen constrói a personagem Jane Bennet, isto é, através de seu discurso limitado, subordinado e de constante benevolência, obediência e submissão, de maneira que Jane apresenta características do modelo da representação feminina de sua época, contrastando com a constante postura subversiva de Elizabeth Bennet. A esse respeito, a pesquisadora Genilda Azerêdo (2013) nos diz o seguinte:

Quando pensamos na relação entre a protagonista e a força de sua palavra, imediatamente lembramo-nos de Elizabeth Bennet, de *Pride and Prejudice*, cujo discurso é frequentemente usado para argumentar, questionar perspectivas, refutar declarações universais, enfim, apresentar um contraponto ao que é colocado. Em seu estudo acerca desse romance, Deborah Kaplan (1994) atribui algumas características significativas ao discurso de Elizabeth, tais como confiança, agressividade, ironia, rebeldia, vivacidade, espontaneidade, subversão. Segundo Kaplan, ‘em seu papel, ludicamente representado, de dominadora, [Elizabeth] recusa o silêncio e a subordinação recomendados às mulheres (...)’ (1994, p. 186). Evidentemente, seu comportamento e espírito críticos não são vistos com bons olhos, afinal, ‘não se pode falar de tudo em qualquer circunstância; qualquer um, enfim, pode falar de qualquer coisa’ (FOUCAULT, 1996, p. 09), ainda mais quando se trata de uma mulher em plena sociedade pré-vitoriana (AZERÊDO, 2013, p. 28-29, grifos da autora).

Desse modo, “o texto literário, concebido como espaço em que, por meio de palavras, o autor vai erigindo os seres que compõem o universo da ficção” (BRAIT, 1987, p. 18), apresenta-

se como a principal ferramenta para identificarmos a construção de personagens. Assim sendo, vemos que Jane Austen constrói as suas personagens de maneira complexa. Logo, diante do exposto pela estudiosa paraibana, vemos que Elizabeth, desde o seu discurso até o seu comportamento, se encontra sempre em contraste com a sua irmã, Jane Bennet, visto que o pano de fundo da narrativa – a sociedade oitocentista inglesa – colabora para a identificação da conformidade ou a inconformidade das personagens perante o contexto histórico, sociopolítico e cultural no qual elas estão imersas. Assim, a protagonista refuta tudo o que está relacionado à submissão, subordinação, subjugação, inferioridade, obediência, complacência, benevolência e ao emudecimento, apresentando uma inconformidade com a configuração do seu contexto histórico. Já a sua irmã, Jane Bennet, adota todas essas características exigidas para o comportamento feminino da sociedade georgiana inglesa, transparecendo uma conformidade social e histórica. Então, no que concerne à qualidade do texto literário e como se configuram as personagens de Austen, Genilda Azerêdo (2013) afirma ainda que:

De qualquer modo, Jane Austen é uma autora fundamental para a consideração de categorias literárias narrativas, entre as quais, personagem, inclusive por sua contribuição ao desenvolvimento do que concebemos como literatura moderna, com técnicas narrativas que refletem uma consciência profunda sobre a linguagem, estilo, construção formal e densidade psicológica dos personagens (AZERÊDO, 2013, p. 22).

De acordo com a opinião de Genilda Azerêdo (2013) e levando em consideração a fala de Beth Brait (1987) sobre a análise de elementos textuais, os quais contribuem para a construção das personagens, percebemos que, em sua narrativa, Austen apresenta técnicas e dispositivos que levam o leitor a vivenciar, de certo modo, as trajetórias de vida experimentadas pelas personagens no enredo; isto é, a se colocar no lugar das personagens, pois a escritora constrói os seus seres ficcionais como uma aproximação estreita com o real. Além disso, as narrativas de Jane Austen, principalmente, *Orgulho e Preconceito* (2013), nos “oferecem um registro relevante de questões concernentes à organização social e política da Inglaterra do século XVIII que, embora altamente desfavorável às mulheres, não se constitui totalmente monolítica ou intransitiva às suas tentativas de ruptura e subversão” (AZERÊDO, 2013, p. 26).

Essas representações nos relembram das reflexões de Beth Brait (1987) sobre a categoria aristotélica *mimesis*, a partir da qual o filósofo expunha a relação entre a realidade e a imitação, a “personagem” e a “pessoa”, sob a perspectiva, naquela ocasião, das tragédias antigas. Nesse sentido, a mencionada pesquisadora retoma as reflexões de Aristóteles no seguinte trecho:

Um aspecto relevante desses estudos é o que diz respeito à semelhança existente entre personagem e pessoa, conceito centrado na discutida, e raras as vezes compreendida, *mimesis* aristotélica. Durante muito tempo, o termo *mimesis* foi traduzido como sendo ‘imitação do real’, como referência direta à elaboração de uma semelhança ou imagem da natureza. Essa concepção, até certo ponto empobrecedora, das informações contidas no discurso aristotélico, marcou por longo tempo as tentativas de conceituação, caracterização e valoração da personagem (BRAIT, 1987, p. 29, grifos da autora).

Dessa forma, conseguimos observar nas personagens de Jane Austen um teor de realidade, ou até mesmo de “imitação do real” (Cf. BRAIT, 1987, p. 29). Nesse diálogo entre a construção ficcional e o mundo real, observando as obras de Jane Austen, conseguimos identificar o trabalho da relação entre a dimensão interna e a realidade externa da sua obra de arte, sobretudo, se levarmos em consideração determinados relatos e fatos biográficos da autora. Através dos relatos de Austen em outros romances, conseguimos perceber as limitações com as

quais as mulheres de sua época eram obrigadas a lidar, em um contexto no qual o pensamento hegemônico masculino e supremacista, calcado nos preceitos do sistema patriarcal, vigora(va). Portanto, o modo como essa escritora inglesa pensava a sua situação e a de outras mulheres dos séculos XVIII e XIX, reverberava na forma de desenvolver a representação literária de suas personagens femininas:

Tradicionalmente, o patriarcado concedia ao pai quase total propriedade sobre a esposa ou esposas e filhos, incluindo os poderes do abuso físico e, muitas vezes, até mesmo os de assassinato e venda. Classicamente, como chefe da família, o pai é, ao mesmo tempo, genitor e dono de um sistema em que o parentesco é propriedade. No entanto, no patriarcado estrito, o parentesco é reconhecido apenas pela associação com a linhagem masculina. Agnação exclui os descendentes da linha feminina do direito de propriedade e, muitas vezes, até do reconhecimento. A primeira formulação da família patriarcal foi feita por Sir Henry Maine, um historiador da jurisprudência antiga do século XIX. Maine argumenta que a base patriarcal do parentesco é colocada em termos de domínio e não de sangue; as esposas, embora de fora, são assimiladas na linha, enquanto os filhos das irmãs são excluídos (MILLETT, 1970, p. 33-34, tradução nossa).

Ainda relacionando construção ficcional e mundo real, percebemos que a protagonista do romance, Elizabeth Bennet, possui um olhar crítico sobre a sociedade retratada na narrativa: os acontecimentos e as atitudes que passam despercebidas aos olhos dos demais personagens são analisados, refletidos ou refutados por ela, o que contribui para o crescimento, o desenvolvimento e a complexidade de Elizabeth no decorrer da narrativa. A esse respeito, de acordo com a concepção de Forster sobre a personagem, em seu livro *Aspectos do Romance* (2005), Beth Brait (1987) explica que:

As *personagens* classificadas como *redondas*, por sua vez, são aquelas definidas por sua complexidade, apresentando várias qualidades ou tendências, surpreendendo convincentemente o leitor. São dinâmicas, são multifacetadas, constituindo imagens totais e, ao mesmo tempo, muito particulares do ser humano. Para exemplificar, poderíamos recorrer ao elenco das personagens criadas pelos bons escritores e que permanecem como janelas abertas para a averiguação da complexidade do ser humano e potência da escritura dos grandes narradores (BRAIT, 1987, p. 41, grifos da autora).

Portanto, apesar de a história ser narrada em terceira pessoa, apresentando uma narradora onisciente, conseguimos identificar que o romance *Orgulho e Preconceito* (1813) também é narrado sob a perspectiva de Elizabeth Bennet. Além disso, de acordo com as características da protagonista estudada aqui, e levando em consideração as concepções de Forster (2005) a respeito da configuração da *personagem redonda* (Cf. FORSTER, 2005, grifo nosso), conseguimos identificar que Elizabeth Bennet é dotada de tais características; configurando-se como uma personagem definida por sua complexidade, apresentando várias qualidades ou tendências, surpreendendo convincentemente o leitor (Cf. BRAIT, 1987, p. 41).

Mas, ao contrário de Elizabeth, observamos que há uma personagem feminina no romance, a qual se apresenta como o oposto da heroína, a sua irmã, Jane Bennet. Enquanto Elizabeth é detentora de quase todos os fatos que compõem a narrativa, vemos que Jane Bennet é desprovida de todos eles, configurando-se como uma personagem secundária. Dessa maneira, no que concerne ao papel de desempenho desses seres no enredo, Cândida Gancho (2006) afirma que os personagens secundários desenvolvem um papel menos relevante na história, com aparições menos frequentes nas ações, podendo auxiliar os agentes no protagonismo ou antagonismo.

## ***Heads and Tails: Elizabeth e Jane como representações do feminino na Inglaterra Georgiana***

Ao longo da leitura do romance, vemos que ambas as irmãs são melhores amigas, ou o mais certo a se afirmar, são amigas e confidentes muito próximas. Pondo-as em uma proximidade tão grande na narrativa, o romance ressalta, através de suas conversas e ações, as diferenças de postura e personalidade entre ambas. Enquanto Elizabeth aparenta estar inconformada com a atual situação delas – que se resume, em partes, à entrega da propriedade de sua família ao seu primo, Mr. Collins, deixando-as desamparadas quando o Mr. Bennet falecer –, Jane não demonstra nenhuma característica de inconformismo ou revolta a respeito de tudo o que está acontecendo com ela, suas irmãs e sua mãe.

Além disso, em algumas conversas entre as irmãs, Elizabeth questiona o posicionamento de conformismo, passividade e falta de entusiasmo para julgar, refletir e construir um pensamento crítico por parte de Jane. Assim, vemos, nos diálogos, que Jane não consegue fazer um julgamento prévio sobre o que ela sente pelo Mr. Bingley ou de alguma suspeita sobre o que ele sente por ela. Na visão que tem sobre o seu par masculino, Jane não consegue identificar no caráter dele algum defeito, falha ou falta de qualidade. Na concepção de Elizabeth, a sua irmã julga a todos sempre como bons e agradáveis, uma vez que não consegue ver a real face das pessoas.

De fato, em diversos momentos de suas conversas, percebemos que a irmã mais velha tenta justificar de uma forma bondosa todos os atos insolentes das pessoas à sua volta. Vemos, então, um contraste desse posicionamento quando observamos as reflexões de Elizabeth e as suas opiniões a respeito das pessoas e dos fatos. Ou seja, essa última não apresenta a mesma ingenuidade que a sua irmã mais velha demonstra durante toda a narrativa.

Assim, Elizabeth é uma heroína que nos chama mais atenção tanto pela sua postura provocadora e contrária ao seu próprio contexto, quanto pelas suas reflexões sobre os acontecimentos à sua volta. Elizabeth Bennet é, portanto, o tipo de heroína que cativa o leitor tanto pelo seu posicionamento com relação aos assuntos que lhes dizem respeito, quanto pelo seu discurso dotado de maturidade, ironia e crítica disfarçada; e, pela sua maneira íntegra de lidar com os problemas em sua volta. Destarte, na opinião de Genilda Azerêdo (2013), Elizabeth Bennet é o tipo de protagonista que está sempre em desacordo com o que é esperado para as mulheres georgianas inglesas. Em outras palavras, Elizabeth pode ser considerada como “rebelde”, pois, ela é uma personagem feminina questionadora e argumentativa a respeito dos ditames que compõem o seu contexto histórico, sociopolítico e cultural; o que, de certo modo, não era bem visto pela sociedade pré-vitoriana.

Levando em consideração as concepções de Genilda Azerêdo (2013), percebemos que Elizabeth tem todas as características mencionadas, o que faz dela o ponto central de toda a narrativa, apesar de o enredo ser repleto de sucessivos acontecimentos que nos mostram o quão cheio de episódios, que enriquecem a história contada, é o romance. Nesse contexto, conseguimos visualizar como Austen constrói as suas heroínas e como ela proporciona-lhes visibilidade dentro do enredo, diferenciando-as, em diversas características, das demais personagens femininas da obra literária. Assim sendo, discorrendo acerca da configuração da personalidade e do discurso das protagonistas de Jane Austen, Genilda Azerêdo (2013) afirma o seguinte:

Como sempre, em Austen, as protagonistas não apenas conversam, embora, aparentemente, alguns diálogos pareçam banais. Seus diálogos são representativos de embates, conflitos, perspectivas sobre assuntos que dizem respeito ao convívio e comportamento social, à educação, ao casamento, ao sentimento; são discursos imbuídos de valores e refletem a visão crítica que tais personagens possuem (AZERÊDO, 2013, p. 27-28).

Isto posto, começamos apontando o destaque que Elizabeth dá em relação à candura, à bondade frequente e à ausência de julgamento de Jane para com as outras pessoas ao redor delas. Com base nessa ênfase, a protagonista classifica a sua irmã, Jane Bennet, como uma pessoa cândida ao lidar com os diversos assuntos particulares ou públicos que as cercam e contribuem para a construção da personalidade dessas personagens do romance. A esse conteúdo, vejamos o seguinte diálogo entre as irmãs:

“Fiquei muito lisonjeada pelo seu convite de dançar uma segunda vez. Eu não esperava por tal elogio.” “Você não esperava? Eu, sim. Mas essa é a grande diferença entre nós. Os elogios sempre a pegam de surpresa, quanto a mim, nunca. O que poderia ser mais natural do que convidá-la novamente? Ele não pôde evitar em ver que você era quase cinco vezes mais bonita do que qualquer outra mulher na sala. Não é preciso agradecer sua galanteria por isso. Bem, ele certamente é muito agradável e consinto que você goste dele. Você gostou de outros mais estúpidos”. “Querida Lizzy!”. “Ó! Você é, em grande parte, muito hábil para gostar das pessoas em geral, sabe. Nunca vê falha em ninguém. O mundo inteiro é bom e agradável aos seus olhos. Nunca a ouvi falar mal de um ser humano em sua vida” (AUSTEN, 2012, p. 23).

Em resposta à sua irmã Elizabeth, Jane diz: ““Eu não desejaria ser apressada em censurar alguém; mas sempre falo o que penso”” (AUSTEN, 2012, p. 23). Porém, Elizabeth a retruca da seguinte maneira:

“Sei que sim; e é isso o que torna maravilhoso. Com o seu bom senso, ser tão honestamente cega aos desatinos e aos disparates dos outros! Fingir candura é muito comum – encontra-se em toda a parte. Mas ser cândida sem ostentação ou intenção – apreender o bom do caráter de todos e torná-lo ainda melhor, e nada dizer do mau – isso só pertence a você. E então você também gosta das irmãs deste homem, não? Os modos delas não são iguais aos dele” (AUSTEN, 2012, p. 23; 25).

Os trechos acima suscitam alguns pontos. Primeiro, por ser a heroína e a maior parte do enredo girar em torno de sua trajetória, somos expostos mais aos pensamentos de Elizabeth. Segundo, por ela ser munida de opinião própria; ser dotada de discurso crítico; ter a condição de julgar; ter a capacidade de ver e analisar os acontecimentos por um ângulo próprio, ela não espelha o que é esperado para o feminino. Assim, além de desconstruir a imagem de mulher submissa aos bons costumes e às regras da sociedade pré-vitoriana, ela acaba questionando o comportamento da sua irmã. Vemos em Elizabeth, portanto, todas as características transgressoras que não conseguimos ver em Jane, por mais que tenham crescido no mesmo núcleo familiar e recebido a mesma educação, configurando essa última como dotada com as características do famoso “Anjo do Lar”<sup>1</sup> (Cf. WOOLF, 2019, p. 11-12-13), descrito pela escritora feminista inglesa, Virginia Woolf (1882-1941).

Diante do exposto, no diz respeito ao comportamento de Jane com relação à sua opinião, personalidade e postura diante dos fatos provincianos de sua conjuntura, conseguimos comparar a sua candura, bondade, delicadeza e obediência ao “Anjo do Lar” descrito por Virginia Woolf:

Vocês que são de uma geração mais jovem e mais feliz, talvez não tenham ouvido falar dela – talvez não saibam o que eu quero dizer com Anjo do Lar. Vou tentar

---

<sup>1</sup> Trata-se de um significante oriundo do poema “The Angel in the house”, escrito por Coventry Patmore (1823-1896). Em nota sobre o conto “Profissões para mulheres” (WOOLF, 2019, p. 37), Tomaz Tadeu afirma que o poema idealiza a relação do referido poeta e crítico inglês com sua esposa, Emily Augusta Andrews (1824-1862). Nesse sentido, ao propor a morte do “Anjo do Lar”, Virginia Woolf ressignifica a categoria, outorgando-lhe um sentido político (distante do idealismo de Patmore). A nova realidade semântica do termo considerou criticamente tanto as relações entre as mulheres e o trabalho quanto as desigualdades nas condições materiais a que as mulheres eram submetidas nas relações de gênero, inclusive, no ofício da escrita.

resumir. Ela é extremamente simpática. Imensamente encantadora. Totalmente altruísta. Excelente nas difíceis artes do convívio familiar. Sacrificava-se todos os dias. Se o almoço era frango, ela ficava com o pé; se havia ar encanado, era ali que ia se sentar – em suma, seu feitiço era nunca ter opinião própria ou vontade própria, e preferia sempre concordar com as opiniões e vontades dos outros. E acima de tudo – nem preciso dizer – ela era pura. Sua pureza era tida como a sua maior beleza – enrubescer era o seu maior encanto. [...] E, segundo o Anjo do Lar, as mulheres não podem tratar de nenhuma dessas questões [sociopolíticas e culturais] com liberdade e franqueza; se querem se dar bem, elas precisam agradecer, precisam – falando sem rodeios – mentir (WOOLF, 2019, p. 11-12-13).

Mediante o fragmento de Virginia Woolf (2019), Jane Bennet é a reprodução da figura que Woolf (2019) descreve em seu ensaio. Portanto, assim como o “Anjo do Lar”, Jane é cândida, bondosa, passiva, subjugada aos caprichos masculinos e submissa ao seu contexto histórico, sociopolítico e cultural. Além disso, ela está sempre tentando agradar aos outros, assim como não aparenta ter opinião própria nem domínio de suas decisões, contrastando-se com a postura de sua irmã, Elizabeth. Um exemplo disso fica explícito no modo como a sua mãe, Mrs. Bennet, decide o destino de sua filha mais velha, escolhendo o Mr. Charles Bingley como pretendente para Jane; visto que ela não se opõe, nem demonstra estar em desacordo com a decisão de sua mãe, mesmo que, naquele momento, ela ainda não tenha se afeiçoado ao Mr. Bingley.

Outra característica do “Anjo do Lar” que também está presente no percurso e nos comportamentos de Jane, diz respeito às suas opiniões sobre as pessoas que estão à sua volta. Pois, em nenhum momento do romance, identificamos algum posicionamento subversivo da personagem. Somado a isso, como a personagem possui poucas falas na narrativa, o seu papel no enredo está marcado pelo emudecimento, pela humildade, penitência e pela obediência às convenções de seu tempo. Um exemplo disso é quando presenciamos Elizabeth e Jane falando sobre as irmãs Mrs. Louise Hurst e Ms. Caroline Bingley, assim como sobre Mr. Charles Bingley e Mr. Fitzwilliam Darcy, momento no qual Elizabeth infere que Jane parece “ser tão honestamente cega aos desatinos e aos disparates dos outros!” (AUSTEN, 2012, p. 23). A esse respeito, a pesquisadora Samira Alves de Barros (2013) nos diz que:

A mulher de boa família já nascia com seu destino traçado, ela passava sua infância sendo educada para o seu futuro, ou seja, o casamento. E a partir deste ponto vinham suas outras funções: ser uma boa esposa, uma boa mãe e uma boa dona de casa. E tudo isso era feito sem que ela pudesse opinar, deixando que terceiros escolhessem seu destino, independente da sua vontade (BARROS, 2013, p. 56).

Além disso, outro aspecto de Jane que conseguimos comparar com um dos atributos do “Anjo do Lar”, diz respeito à pureza e à beleza evidenciadas na simbologia do anjo. Isso fica evidente quando a narradora onisciente nos mostra que, na visão de Mr. Charles Bingley, “com relação à Miss Jane Bennet, ele não poderia conceber um anjo mais belo” (AUSTEN, 2012, p. 27). Assim, de acordo com esse trecho do romance e com relação a diversos outros que versam sobre a beleza de Jane, vemos que ela é sempre comparada com Elizabeth Bennet, uma vez que a primeira é considerada como doce, amável, bela, ingênua, remetendo-se, também, em alguns momentos, a outras características relativas à submissão e que não fazem parte da personalidade, postura e comportamento de Elizabeth Bennet.

Em adição a essas características de Jane Bennet, Rose Marie Muraro (1930-2014), em seu livro *A Mulher no Terceiro Milênio: uma história através dos tempos e suas perspectivas para o futuro* (2002), no capítulo intitulado “O patriarcado”, reflete acerca do lugar da mulher em uma conjuntura patriarcal, dizendo que:

Ela [a mulher] passa a reprimir a inteligência, a iniciativa, a agressividade a partir do inconsciente. E as qualidades que desenvolve a ‘especializam’ para o domínio do privado. E como este não é produtivo, é menos valorizado que o domínio público, ela se torna submissa a partir do inconsciente. Os valores da partilha e da solidariedade perdem então para a competitividade, o egocentrismo, mais funcionais dentro do novo patriarcado (MURARO, 2002, p. 69).

Em consonância com a reflexão acima, a pesquisadora da obra austeniana, Catarina Silva Ferreira (2015), ressalta:

As duas irmãs Bennet mais velhas são consideradas as mais ‘adequadas’ da família, porém, mesmo entre elas há uma disparidade de personalidade. Jane é uma moça mais romântica e tida como ingênua, tem predisposição a acreditar no melhor das pessoas e durante um conflito sempre tenta encontrar um ponto de equilíbrio entre as partes. Já Elizabeth possui forte convicção de seu julgamento e durante conflitos tende sempre a tomar partido, ao contrário de Jane, ela enfrenta as pessoas de frente, rebate seus argumentos e não se importa em ser vista como insolente e malcriada pelas outras pessoas (Cf. FERREIRA, 2015, [s.p.]).

Assim sendo, a representatividade do discurso da protagonista em estudo com relação a todos os valores históricos, sociopolíticos e culturais de sua época, apresenta-se bem nítida em seus diálogos com Mr. Darcy e Lady Catherine de Bourgh, quando ela trava com eles conversas calorosas a respeito dos padrões, das regras e das convenções sociais; circunstância que leva Elizabeth a se posicionar de uma maneira digna de reprovação para ambos os parceiros de conversa. Destarte, “Lizzie possui a ironia como algo fundamental em sua personalidade, isso a faz ser menos querida do que Jane. Esta jamais fará ou dirá algo que possa ofender alguém, enquanto aquela fala de um modo que dá às pessoas a impressão de estar caçoando delas o tempo todo” (Cf. FERREIRA, 2015, [s.p.]).

Nesse contraste entre as duas irmãs, temos as divergências da configuração e do comportamento entre ambas em um contexto oitocentista inglês que, de certa maneira, influenciará no modo como as pessoas do convívio delas as veem; uma vez que Jane se apresenta como uma personagem que atende ao padrão comum de mulher prendada no cenário provinciano inglês. Em comprovação disso, no seguinte trecho, vemos que a voz narrativa fala a respeito das opiniões das irmãs, Mrs. Louise Hurst e Ms. Caroline Bingley, sobre o comportamento e os modos de Jane Bennet:

O modo como falavam da reunião dos Meryton era por demais característico. Bingley nunca se encontrara com pessoas mais agradáveis e jovens mais bonitas em sua vida; todos haviam sido muito bondosos e atenciosos com ele; não houvera formalidade, nem afetação. Ele logo se sentiu familiarizado com toda a sala; e, com relação a Miss Bennet, ele não poderia conceber um anjo mais belo. Darcy, ao contrário, vira uma série de pessoas na qual havia pouca beleza e nenhum estilo, por nenhuma delas sentira o menor interesse e de ninguém recebera atenção ou prazer. Ele reconhecera que Miss Bennet era bonita, mas que sorria demais. Mrs. Hurst e a sua irmã concordaram com isso – mas, ainda assim, a admiraram e gostaram dela, proclamando ser ela uma doce garota, alguém a quem não fariam objeção de conhecer melhor. Miss Bennet foi, portanto, considerada uma doce garota e seu irmão se sentiu autorizado por tal elogio a pensar nela como quisesse (AUSTEN, 2012, p. 25; 27).

Portanto, ao lermos a passagem, vemos claramente, através da narradora, o julgamento da família Bingley a respeito de Miss Jane Bennet. Percebemos, dessa forma, que as irmãs Bingley aprovam a conduta de Jane, assim como a elogiam e estão inclinadas a conhecê-la melhor assim que possível. De acordo com o fragmento literário, constatamos que o grupo de amigos não consideram as irmãs Bennet como modelos de representação dos bons modos ou



elegância praticada entre eles, mas que, apenas Jane é considerada como digna de manter relações com o referido grupo. Isso porque ela atende às características de representação do feminino daquele contexto. Então, identificamos, a partir do posicionamento do ilustre grupo, que Jane tem um comportamento mais aceitável em relação ao das suas irmãs, o que explicita a construção da configuração de sua personalidade e dos seus bons modos, ocasionando uma aceitação imediata do grupo aristocrata que alugou a propriedade de Netherfield Park. Assim, com relação à essa configuração de Jane Bennet, Farath e Junqueira (2018) nos dizem que:

Jane é a mais velha das cinco irmãs, é considerada a mais bela, tem temperamento doce e é frágil. É modesta, paciente, otimista, revela bom senso, bondade e generosidade. Jane não vê malícia nem maldade nas pessoas e no mundo, busca sempre por olhar o lado bom das coisas. Sua personalidade reservada e controlada torna-se uma desvantagem nos relacionamentos amorosos. Sua descrição remete-nos muito às heroínas românticas tradicionais, principalmente por sua beleza, mas é relegada ao segundo plano quando comparada à complexidade da personagem Elizabeth (FARATH; JUNQUEIRA, 2018, p. 64).

Sendo assim, ao considerarmos as reflexões de Farath e Junqueira (2018), e em adição a outro fragmento do romance, vemos novamente a opinião das irmãs Mrs. Louise Hurst e Ms. Caroline Bingley sobre a configuração do caráter de Jane e sua afeição por ela; assim como a confirmação de que Jane, como representação do feminino exigido por uma sociedade patriarcal, assumia o lugar de paradigma:

“Tenho uma consideração excessiva por Miss Jane Bennet, ela é realmente uma jovem muito doce e desejo de todo o meu coração que fosse bem casada. Mas com pais desses e tais relações inferiores, temo que não haja chance para isso.” “Penso ter ouvido você dizer que o tio dela é um advogado em Meryton”. Sim; e eles têm outro, que vive em algum lugar próximo de Cheapside. “Isso é fundamental”, acrescentou sua irmã e elas riram fartamente. “Se elas tivessem tios o suficiente para encher toda Cheapside”, exclamou Bingley, “isso não as faria um pingão menos agradáveis” (AUSTEN, 2012, p. 49).

Dessa maneira, em contraste com o comportamento e posicionamento de Jane, temos Elizabeth que, sutilmente, nas entrelinhas da narrativa, quebra com os padrões de representação do feminino em uma sociedade oitocentista inglesa. Então, vemos isso quando a voz narrativa nos fala:

Ela foi conduzida à sala do café da manhã, onde todos, menos Jane, estavam reunidos, e onde sua aparência causou grande surpresa. Que ela estivesse caminhado três milhas tão cedo, num clima tão desfavorável e sozinha, era quase inacreditável para Mrs. Hurst e para Miss Bingley; e Elizabeth estava convencida de que elas lhe desprezaram por isso. Porém, foi recebida muito polidamente por elas; e, na maneira de seus irmãos, havia algo mais do que educação; havia bom humor e bondade. Mr. Darcy disse muito pouco e Mr. Hurst, quase nada. O primeiro se dividia entre a admiração que o brilho do exercício dera às suas feições e a dúvida se a ocasião justificava ela ter vindo sozinha de tão longe. O último estava pensando apenas em seu desjejum (AUSTEN, 2012, p. 45).

No trecho acima, vemos que a protagonista reconhece o seu próprio comportamento transgressor, presumindo que as irmãs Mrs. Louise Hurst e Ms. Caroline Bingley iriam reprovar a sua atitude deselegante. De fato, para o seu contexto histórico e cultural, uma moça não poderia caminhar por três milhas e ainda mais sozinha. Então, essa atitude é considerada como sinônimo de deselegância e selvageria, pelo motivo de uma dama andar a pé, sujando os seus sapatos, o seu vestido, suando e desarrumando o seu penteado. Diante disso, vemos que a

representação do feminino dessa época condiz com o constante uso dos bons modos, dos bons costumes, da etiqueta inglesa, isto é, privando as damas do contato com o exterior ao lar.

Ao levarmos isso em consideração, vemos que Elizabeth Bennet rompe com esse padrão de comportamento e etiqueta direcionado ao gênero feminino. Pois, ela é afeita à caminhada, ao contato com o exterior, com a natureza, o que se apresenta como divergente às normas e regras seguidas pelas damas inglesas dos séculos XVIII e XIX; padrões que consistiam na limitação das mulheres ao âmbito privado, às atividades domésticas e ao contato com tudo o que se remete ao ar livre. Para reforçar essas características transgressoras e/ou subversivas da protagonista, temos a continuação da cena, momento em que a narrativa destaca a opinião das irmãs, Mrs. Louise Hurst e Miss Caroline Bingley, a respeito da viagem de Elizabeth a Netherfield Park:

Após o término do jantar, ela retornou para Jane e Miss Bingley começou a criticá-la assim que ela deixou a sala. Suas maneiras foram ditas como efetivamente rudes, uma mistura de orgulho e impertinência; ela não tinha conversa, nem estilo ou beleza. Mrs. Hurst achava o mesmo e acrescentou: “Não tem nada, em suma, a recomendá-la, além de ser uma excelente andarilha. Nunca esquecerei sua aparência essa manhã. Parecia realmente uma selvagem”. “De fato parecia, Louise. Mal pude conter meu semblante. Vir até aqui não teve cabimento! Por que ela deveria disparar pelos campos, por causa da gripe de sua irmã? O cabelo dela, tão desalinhado, tão desgrehado!” “Sim, e sua anágua; espero que tenha visto a anágua dela, seis polegadas afundada na lama, estou absolutamente certa; e o vestido que foi usado para escondê-la não cumpriu com o seu dever” (AUSTEN, 2012, p. 47).

Ao lermos a citação, temos a real confirmação de que Elizabeth Bennet, ao contrário de sua irmã, não atende aos padrões sociais de sua época, o que a identifica como transgressora. Como discutimos anteriormente, a própria protagonista reconhece o seu comportamento destoante das demais moças de sua idade. Isso é mais visível aos olhos das moças e senhoras mais elegantes da alta sociedade inglesa, como é o caso de Mrs. Louise Hurst, Miss Caroline Bingley e Lady Catherine de Bourgh. Desse modo, encontramos em Elizabeth Bennet um modelo de mulher menos convencional. Em outras palavras, uma mulher que infere querer ter os mesmos direitos que os homens têm, nem que seja apenas a oportunidade de caminhar sozinha pelos campos ingleses. Esse comportamento destoante de Elizabeth será reforçado quando Ms. Caroline Bingley conversa com Mr. Fitzwilliam Darcy, com o intuito de persuadi-lo de que Elizabeth Bennet não tem bons modos, considerando-a como inadequada:

“Sua descrição pode ser bem exata, Louisa”, disse Bingley; “mas perdi tudo isso. Pareceu-me que Miss Elizabeth Bennet aparentava estar notavelmente bem quando entrou na sala esta manhã. Sua anágua suja escapou-me de ser notada”. “Você viu isso, Mr. Darcy, estou certa”, disse Miss Bingley; “e estou inclinada a pensar que não desejaria ver sua irmã realizar tal exibição”. “Certamente que não”. “Caminhar três milhas, ou quatro, ou cinco, ou quantas forem, com seus calcanhares na sujeira, e sozinha, totalmente sozinha! O que ela pretende com isso? Parece-me mostrar um tipo abominável de presumida independência, uma indiferença interiorana ao decoro” (AUSTEN, 2012, p. 47).

Mais adiante, vemos que Mr. Charles Bingley afirma que Elizabeth não desfruta dos mesmos prazeres que os demais, ou seja, os jogos, como o carteadado e, ao invés disso, ela prefere ler. O que, de certo modo, atrai a reprovação de muitas pessoas, pois não fazia parte das tarefas de uma dama georgiana inglesa, uma vez que elas eram privadas do acesso ao conhecimento. Portanto, essa atitude reafirma novamente a transgressão de Elizabeth com relação à configuração do feminino e às normas de condutas a serem seguidas por uma dama georgiana:

“Você prefere ler ao baralho?”, disse ele; “isso é muito singular”. “Miss Elizabeth Bennet”, disse Miss Bingley, “despreza o carteador. Ela é uma grande leitora e não encontra prazer em mais nada”. “Não mereço elogios nem censuras”, exclamou Elizabeth; “não sou uma grande leitora e tenho prazer com muitas coisas”. “Estou certo de que tem prazer em cuidar de sua irmã”, disse Bingley; “e espero que este logo seja aumentado ao vê-la bem restabelecida”. Elizabeth agradeceu-lhe com sinceridade e então caminhou para a mesa onde estavam alguns livros. Ele imediatamente se prontificou a buscar outros – tudo o que sua biblioteca proporcionava. “Eu gostaria que minha coleção fosse maior para o seu proveito e meu próprio crédito; mas sou um rapaz ocioso e embora não tenha muitos, tenho mais do que já li.” Elizabeth lhe garantiu que poderia se arranjar perfeitamente com aqueles que estavam na sala (AUSTEN, 2012, p. 49).

Nessa parte da narrativa, vemos a surpresa do grupo de Netherfield Park em saber que Miss Elizabeth Bennet é uma leitora assídua. Ao mesmo tempo, em um trecho logo após esse, percebemos uma repulsa por parte das irmãs Mrs. Louise Hurst e Miss Caroline Bingley com relação ao contraste de Elizabeth Bennet com os seus hábitos e temperamento se comparados aos das moças da sua idade. Ademais, presenciemos, também, no fragmento acima, os elogios do Mr. Charles Bingley dirigidos à protagonista por ela ser uma grande leitora, o que, de certo modo, está em desacordo com a conduta das moças georgianas inglesas.

Ainda, diante dessas reflexões do grupo de Netherfield Park, percebemos que Elizabeth se apresenta como uma personagem que podemos considerar como transgressora para o seu tempo. Primeiro, por não atender às características de uma “mulher prendada” (Cf. AUSTEN, 2012, p. 51). Segundo, por ela romper com as convenções sociais de seu contexto, não seguindo o esperado como norma; uma vez que ela demonstra discurso próprio, dotado de inteligência e de sagacidade. Sua arma contra a imposição social para o feminino, nesse diálogo, é a utilização de uma fala irônica.

A postura da protagonista diante das convenções ainda será destacada na primeira conversa entre ela e Lady Catherine de Bourgh, na casa desta. O modo como a primeira responde às perguntas de Lady Catherine de Bourgh é significativo. Primeiramente, enquanto os demais convidados ficavam intimidados com a presença e direcionamento de Lady Catherine, Elizabeth se comporta de maneira natural, como se a ilustre e grandiosa presença de *Your Ladyship* não a intimidasse o suficiente para desestabilizá-la. Assim, a protagonista responde às perguntas de Lady Catherine de Bourgh com um teor crítico, desafiador e defensivo que surpreende a todos, principalmente, com o modo breve, sagaz e sensato de suas respostas à anfitriã.

Tal comportamento de Elizabeth Bennet acarreta uma reação de assombro, devido à quebra de padrões com a educação que as irmãs Bennets tiveram e à situação de todas perante os modelos convencionais da época, além do posicionamento da protagonista a respeito desse assunto. Concernente ao primeiro ponto elencado anteriormente, que consiste na postura, personalidade forte, inconformismo e rebeldia de Miss Elizabeth Bennet, vemos isso expresso no seguinte trecho:

“Garanto-lhe”, disse sua senhoria, “que você dá sua opinião muito decididamente para uma pessoa tão jovem. Por favor, qual é a sua idade?” “Com três irmãs mais jovens crescidas”, replicou Elizabeth, sorrindo, “sua senhoria mal pode esperar que eu a tenha”. Lady Catherine pareceu bastante atônita por não receber uma resposta direta; e Elizabeth suspeitou que ela fosse a primeira criatura que já ousou gracejar com tamanha e digna impertinência. “Você não pode ter mais que vinte anos, estou certa, portanto, não precisa esconder a sua idade”. “Não tenho ainda vinte e um anos” (AUSTEN, 2012, p. 195).

Diante do exposto, percebemos que, o modo como Elizabeth demonstra coragem suficiente para afrontar Lady Catherine quanto ao julgamento dessa última com relação à educação e à posição de suas irmãs em uma sociedade rígida, opressiva e repleta de preconceitos enraizados, destaca a não aceitação de Elizabeth Bennet do padrão comum para o feminino georgiano. Esse último pode ser exemplificado no seguinte diálogo entre Miss Caroline Bingley e Mr. Fitzwilliam Darcy:

“Sim, considero muita coisa nele”. “Ó! Certamente”, exclamou sua fiel assistente, “ninguém pode realmente ser considerada prendada se não ultrapassa em muito o que é geralmente tido como prendada. Uma mulher deve ter um vasto conhecimento de música, canto, desenho, dança e das línguas modernas para merecer a palavra; e, além de tudo isso, deve possuir um certo ‘quê’ em seu semblante e modo de caminhar, o tom de sua voz, sua maneira de falar e suas expressões ou a palavra será meio merecimento”. “Tudo isso deve possuir”, acrescentou Darcy, “e a tudo isso ela ainda deve adicionar algo mais substancial, no aprimoramento de seu espírito com uma ampla leitura” (AUSTEN, 2012, p. 51; 53).

Desse modo, Jane Austen nos mostra que, as “suas narrativas denunciam as amarras sociais e a falta de liberdade e oportunidades, principalmente, em relação às mulheres, e ensaiam situações que subvertem e questionam aquele modo de ordem social opressiva e autoritária” (AZERÉDO, 2013, p. 25). Isso será novamente evidenciado no capítulo 56, na nossa edição de 2012, em que Ms. Elizabeth Bennet enfrenta Lady Catherine de Bourgh novamente, quando esta questiona a protagonista sobre o possível noivado de Elizabeth Bennet com Mr. Fitzwilliam Darcy. Importunada por Lady Catherine de Bourgh, após essa ter lhe ofendido de todas as maneiras, Miss Elizabeth Bennet a responde:

“[...] Não serei intimidada por qualquer coisa em nada tão e totalmente irracional. Sua senhoria deseja que Mr. Darcy se case com sua filha; mas ao dar minha tão desejada promessa, fará com que o casamento se torne mais provável? Suponha que ele esteja ligado a mim, seria a minha recusa em aceitar a mão dele que o fará desejar investir na prima dele? Permita-me dizer, Lady Catherine, que os argumentos com os quais apoia este extraordinário pedido são tão frívolos quanto equivocados. Você se equivocou em muito quanto ao meu caráter, se pensa que posso ser manipulada por tais argumentos como estes. Não posso dizer o quanto seu sobrinho poderia aprovar sua interferência em seus assuntos; mas você não tem o direito, certamente, de se impor sobre os meus. Devo implorar, portanto, que não seja mais importunada sobre esta questão” (AUSTEN, 2012, p. 409; 411).

Em acréscimo à sua insatisfação com Lady Catherine de Bourgh, Miss Elizabeth Bennet ainda acrescenta o seguinte comentário:

“[...] Você não pode ter mais nada a dizer”, ela respondeu ressentida. “Insultou-me de todas as formas possíveis. [...] Estou apenas decidida a agir da maneira que irá, em minha opinião, constituir minha felicidade, sem referência a você ou a qualquer outra pessoa completamente sem vínculo comigo [...]”. Devo pedir que volte para casa”. “Nem o dever, nem a honra, nem a gratidão”, respondeu Elizabeth, “têm qualquer reivindicação sobre mim, no caso atual. Nenhum princípio destes poderia ser violado pelo meu casamento com Mr. Darcy. E, sobre o ressentimento da família dele ou sobre a indignação do mundo, se o anterior for suscitado por ele se casar comigo, isso não me daria nenhum momento de preocupação... e o mundo em geral teria muito sentido em se juntar ao escárnio” (AUSTEN, 2012, p. 411).

Portanto, essas falas de enfrentamento da protagonista são totalmente contrastantes com o comportamento, a postura e a personalidade neutra, conformista, obediente, subordinada, cândida, submissa e passiva de sua irmã, Miss Jane Bennet.

Outro ponto divergente entre Elizabeth Bennet e Jane Bennet consiste no julgamento delas com relação ao relacionamento de ambas com as irmãs, Mrs. Louise Hurst e Ms. Caroline Bingley. A forma como essas últimas tratam as pessoas é perceptível para Elizabeth, mas não para Jane. A protagonista percebe como a arrogância, o preconceito, a superioridade e a autossuficiência de Mrs. Louise Hurst e Ms. Caroline Bingley transparecem a cada momento em que elas se encontram, mas Jane não percebe tal coisa. Em algumas das conversas entre Elizabeth e Jane, a primeira confessa que não gosta do modo como as irmãs Hurst e Bingley tratam-na e/ou os demais. Nessa diferença de perspectiva, conseguimos identificar que a mais velha das filhas Bennets não vê maldade no caráter das pessoas com as quais se relaciona, enquanto Elizabeth consegue ver com maior transparência.

Ainda destaca-se outro elemento relativo ao comportamento da protagonista, isto é, uma atitude esperada para o feminino, o qual diz respeito à forma que ela encara o casamento. A obra apresenta dois tipos de casamentos: o “casamento por amor” e o “casamento por convenção”. Na opinião de Elizabeth, o casamento feliz é que beneficia tanto o homem quanto a mulher é aquele em que ambos se casam por amor, e não por outros tipos de interesses que não sejam os sentimentais. Assim, vamos vê-la se posicionando sobre diferentes propostas de união entre as personagens.

Casamento é o assunto que preocupava as Bennets, principalmente, quanto à situação de Jane e Elizabeth, pois as duas são as mais velhas. Isso fica bem evidente quando Mr. Collins aparece para reivindicar a propriedade de Longbourn, o que deixa a Mrs. Bennet muito preocupada sobre o futuro das suas filhas.

Sobre a situação das mulheres na sociedade Inglesa do século XIX, Adriana Sales Zardini (2013) afirma que:

Como a família era a base de sustento de todas as moças pertencente à classe média e aristocrática daquela época, era de se esperar que o pai deixasse uma certa quantia após sua morte ou que os irmãos ficassem com a responsabilidade de ajudar as irmãs solteiras. A lei apoiava o direito de primogenitura, apenas se o filho fosse do sexo masculino, caso a família não tivesse varões, a herança seria transmitida ao parente mais próximo, facilitando assim, que todas as propriedades e fontes de renda da família ficassem sempre em nome da mesma, por várias gerações (ZARDINI, 2013, p. 03).

Levando em conta o que é apresentado em *Orgulho e Preconceito* (1813), por mais que o atual dono de Longbourn estivesse vivo, o reconhecimento da herança do Mr. Collins deixou as cinco filhas e, principalmente, Mrs. Bennet, muito preocupadas sobre o futuro das moças. Em consequência disso, a expectativa de casamento para as meninas Bennets aumentou mais do que já vinha progredindo, como vemos desde o início do romance.

Outrossim, discutindo sobre o papel da mulher nesse contexto patriarcal, a escritora e feminista estadunidense Katherine Murray Millett (1934-2017), em seu livro *Sexual Politics* (1970), nos diz que:

A principal instituição do patriarcado é a família. É ao mesmo tempo um espelho e uma conexão com a sociedade maior; uma unidade patriarcal dentro de um todo patriarcal. Mediando entre o indivíduo e a estrutura social, a família efetua o controle e a conformidade quando as autoridades políticas e outras são insuficientes. Como o instrumento fundamental e a unidade básica da sociedade patriarcal, a família e seus papéis são prototípicos. Servindo como um agente da sociedade mais ampla, a família não apenas encoraja seus próprios membros a se ajustarem e se conformarem, mas também, atua como uma unidade no governo do estado patriarcal que governa seus cidadãos por meio de seus chefes de família. Mesmo em sociedades patriarcais onde são concedidas cidadania legal, as mulheres tendem a ser governadas apenas pela

família e têm pouca ou nenhuma relação formal com o Estado (MILLETT, 1970, p. 33, tradução nossa).

Assim, com relação à posição das mulheres de classe média e da classe aristocrata inglesa – principalmente, no que concerne às famílias que não têm primogênitos homens para assumir a herança –, restam às mulheres recorrer ao único porto seguro para um futuro socioeconômico estável: o matrimônio. A esse respeito, Adriana Zardini retruca:

O casamento ainda era visto como uma instituição econômica, apesar dos finais felizes, as mulheres de Austen ainda se casavam para manter um *status quo*. Apesar de o casamento ser importante nos romances, o foco principal de Austen é a situação da mulher na sociedade inglesa de sua época. Em todos os seus livros, Austen retrata as mulheres vivendo em uma sociedade onde a educação não libertava as mulheres, apenas restringia ainda mais a sua situação (ZARDINI, 2013, p. 07, grifos da autora).

De acordo com o que Adriana Sales Zardini (2013) argumenta na citação acima, observamos claramente, em *Orgulho e Preconceito* (1813), o motivo real do matrimônio na sociedade inglesa do século XIX. Ou seja, o matrimônio passa a ser a única salvação econômica das irmãs Bennet, já que a sociedade patriarcal não permite ao feminino ter o direito à herança. Tendo consciência do papel da mulher nesse contexto, Mr. Collins tenta juntar o útil ao agradável e pede a mão de Elizabeth em casamento. Mas o pedido é negado, causando um mal-estar entre o Mr. Collins, Elizabeth Bennet e a sua mãe:

“Você é muito precipitado, meu senhor”, ela exclamou. “Você se esquece que eu nada respondi. Deixe-me fazê-lo sem perda de tempo. Aceite meus agradecimentos pelo elogio que presta a mim. Sou muito sensível à honra de suas propostas, mas me é impossível fazer qualquer outra coisa senão declinar delas”. [...] Estou perfeitamente fiel à minha recusa. Não poderia me fazer feliz e estou convencida de que sou a última mulher no mundo que lhe poderia fazê-lo. Não, se sua amiga Lady Catherine me conhecesse, estou convencida que achar-me-ia a mais inapta para a situação sob todos os aspectos” (AUSTEN, 2012, p. 131).

Mas, o senhor Collins insiste no seu pedido de casamento, e em resposta à sua insistência, Elizabeth Bennet reafirma sua recusa:

[...] “Realmente, Mr. Collins”, exclamou Elizabeth com algum ardor, “você me confunde em demasia. Se o que eu disse até agora pode lhe parecer como uma forma de encorajamento, não sei como expressar a minha recusa de forma a convencê-lo sobre realmente ser uma”. [...] “Eu lhe asseguro, meu senhor, de que não tenho pretensão alguma quanto a este tipo de elegância que consiste em atormentar um homem respeitável. Preferiria ser considerada uma pessoa sincera. Agradeço-lhe muito pela honra que me fez com suas propostas, mas aceitá-las é completamente impossível. Meus sentimentos me proíbem em todos os aspectos” (AUSTEN, 2012, p. 131; 133).

Embora Mr. Collins pense que a recusa de Elizabeth seja apenas “pureza, meiguice, delicadeza, elegância, arte e manhas do sexo feminino” (Cf. WOOLF, 2019, p. 12), encorajando-o, assim, a um segundo pedido, Elizabeth deixa bem claro que não tem afeição suficiente para um casamento. Ademais, Mr. Collins expõe a situação financeira e a posição social de Elizabeth como um incentivo para que ela aceitasse um pedido de casamento meramente por convenção. Mas, isso vai contra os pensamentos dela. Portanto, é nesse momento que Elizabeth confessa aos seus pais que não desposará de um homem sem afeição, que não se entregará apenas para garantir um futuro socioeconômico estável, mas que se casará

com alguém que mereça o seu afeto e que o retribua, ou seja, “casar-se por afeição” (Cf. AUSTEN, 2012).

Uma segunda recusa de pedido de casamento acontecerá quando Mr. Fitzwilliam Darcy declara as suas intenções para Elizabeth, em Kent, na propriedade de Hunsford:

De modo apressado, ele imediatamente começou a perguntar sobre a saúde dela, atribuindo sua visita a um desejo de saber se estava melhor. Ela respondeu com fria civilidade. Ele se sentou por uns instantes, e então se levantou, andando pelo cômodo. Elizabeth ficou surpresa, mas não disse nada. Depois de um silêncio de muitos minutos, ele foi até ela de forma agitada e assim começou: “Tenho lutado em vão. Não resistirei. Meus sentimentos não serão reprimidos. Você deve permitir que eu lhe diga o quão ardentemente eu a admiro e a amo” [...] (AUSTEN, 2012, p. 221).

Logo depois de uma pausa:

Ele concluiu descrevendo para ela a força daquela ligação que, apesar de seus esforços, ele achara impossível subjugar; e expressou sua esperança de que agora tudo seria recompensado com a aceitação, por parte dela, de seu pedido. Enquanto dizia isso, ela podia facilmente ver que ele não tinha nenhuma dúvida quanto a uma resposta favorável (AUSTEN, 2012, p. 221).

Em resposta à declaração de Mr. Fitzwilliam Darcy, Elizabeth Bennet infere:

“Em casos como este, acredito que é o modo estabelecido de expressar um sentido de obrigação pelos sentimentos declarados, embora eles possam ser retribuídos desigualmente. É natural que a obrigação seja sentida e, se pudesse sentir gratidão, eu agora lhe agradeceria. Mas não posso – nunca desejei que pensasse bem de mim, e você certamente investiu muito contra sua vontade. Lamento ter causado dor a alguém. Foi inconsciente e espero que seja de curta duração. Os sentimentos que me relata há muito evitaram o reconhecimento de sua consideração e podem ter pouca dificuldade em superá-la, depois desta explicação” (AUSTEN, 2012, p. 221).

Em resposta à declaração do cavalheiro, Elizabeth recusa a sua afeição por ele, desapontando-o. Por conseguinte, a justificativa de sua recusa diz respeito ao fato de que Mr. Darcy separou Mr. Charles Bingley de Jane Bennet; negou a herança de Mr. George Wickham; além da personalidade orgulhosa, preconceituosa e arrogante de Mr. Darcy. Então, a junção de todos esses fatores e a confissão de Mr. Darcy sobre ter feito tudo isso, a conscientizou de não aceitar a sua afeição. Mr. Darcy, em consequência disso, ficou extremamente desapontado e magoado.

Após a discussão, Elizabeth reflete e se arrepende de tê-lo tratado da forma como ela o tratou, mas, ao mesmo tempo, lembrou-se das atrocidades que ele fez contra o possível relacionamento entre Jane e Mr. Charles Bingley. Com isso, Elizabeth Bennet deixa claro que não sente afeição por ele e reafirma a sua opinião que estabeleceu desde o início do romance, de que, para ela, o casamento não deve ser por conveniência, e sim, por amor. O que, de certa maneira, é destoante da configuração de casamento para o seu contexto histórico, sociopolítico e cultural, uma vez que a maioria dos casamentos de sua época era por conveniência.

Sendo assim, vemos o posicionamento de Elizabeth com relação ao casamento, de forma explícita, no seguinte trecho, em uma conversa que a protagonista tem com sua amiga, Ms. Charlotte Lucas. Visto que Ms. Charlotte Lucas defende o casamento por conveniência, e não por afeição, Elizabeth reprova a opinião de sua amiga dizendo o seguinte:

“Seu plano é muito bom”, replicou Elizabeth, “onde nada está em questão além do desejo de se casar bem e se eu me determinasse a conseguir um marido rico, ou qualquer marido, ousou dizer que o adotaria. Mas estes não são os sentimentos de

Jane; ela não age com um objetivo. Por enquanto, ela nem pode estar certa do grau de sua própria consideração ou de sua consciência. Ela o conhece apenas há uma quinzena. Dançou quatro vezes com ele em Meryton; ela o viu uma vez na própria casa dele e, desde então, jantou quatro vezes, com ele e os outros. Isso não é o suficiente para fazê-la compreender seu caráter” (AUSTEN, 2012, p. 31; 33).

Ao lermos a citação acima, percebemos claramente o posicionamento de Elizabeth com relação aos sentimentos dentro do casamento quando ela menciona que o plano de Ms. Charlotte Lucas seria ótimo, caso ela quisesse um marido rico. Desse modo, conseguimos comprovar que os pensamentos de Elizabeth são realmente destoantes das opiniões das moças de sua idade. Pois, como já expusemos anteriormente, ela recusa o pedido de casamento de Mr. Fitzwilliam Darcy, um dos homens mais ricos e influentes do Sudeste da Inglaterra, vaticinando o que ela sempre afirmou: “que não casaria sem afeição” (Cf. AUSTEN, 2012). Em contraposição à Elizabeth Bennet, Ms. Charlotte Lucas responde:

[...] A felicidade no casamento é, inteiramente, uma questão de sorte. Se o temperamento do casal sempre for bem conhecido por cada um, ou mesmo for, antes, parecido, isso não prenuncia sua felicidade, no fim das contas. Eles sempre continuam a se desenvolver inversamente o suficiente para ter sua cota de incômodo; e é melhor conhecer o menos possível dos defeitos da pessoa com quem você passará sua vida.”. “Você me faz rir, Charlotte; mas isso não é certo. Você sabe que não é certo e que você nunca agiria desta forma” (AUSTEN, 2012, p. 33).

Dessa maneira, apesar de sua situação financeira requerer que ela deixe os sentimentos de lado e aja com a razão – que é garantir um futuro socioeconômico, a principal finalidade do casamento no século XIX –, Elizabeth Bennet prefere agir com o coração, na esperança de construir um casamento em que haja sentimentos. Diferentemente, Ms. Charlotte Lucas, ao casar-se com o Mr. Collins, o faz porque sua posição socioeconômica e idade já avançada são os grandes motivadores.

Em acréscimo, contrastando-se com Elizabeth Bennet, Jane Bennet está disposta a ligar-se a um homem apenas por conveniência. É o que fica evidente quando ela acata, ao contrário de Elizabeth, o desejo de sua mãe de casá-la. Vemos isso explícito no seguinte diálogo, que consiste em uma conversa entre a Mrs. Bennet e o Mr. Bennet a respeito de casar Jane com Mr. Charles Bingley a qualquer custo:

“Mas considere suas filhas. Apenas pense que oportunidade seria para uma delas. Sir William e Lady Lucas estão decididos a ir por isto, pois, em geral, como você sabe, eles não visitam recém-chegados. Você realmente deve ir, pois ser-nos-á impossível visitá-lo se você não for”. “Certamente, é muito escrupulosa. Ouso dizer que Mr. Bingley ficará muito feliz em vê-la; e enviar-lhe-ei algumas linhas por você para assegurar-lhe de meu sincero consentimento quanto ao seu casamento com qualquer das meninas que ele escolher; embora deva adicionar uma recomendação de minha pequena Lizzy”. “Desejo que não faça tal coisa. Lizzy não é nem um pouco melhor do que as outras garotas; e estou certa de que ela não possui metade da beleza de Jane, nem metade do bom-humor de Lydia” (AUSTEN, 2012, p. 13).

Nesse episódio, percebemos o desespero da Mrs. Bennet em apresentar as suas filhas ao recém-chegado nas redondezas de Meryton. Ao analisarmos o diálogo entre ela e o seu marido, percebemos que Mrs. Bennet tenta persuadir Mr. Bennet a apresentar todas as suas filhas ao Mr. Charles Bingley. Ou seja, as moças, nessa época, eram tratadas como um objeto ou uma mercadoria para o matrimônio que, muitas vezes, era configurado como um casamento por conveniência:



[...] Segundo *As estruturas elementares de parentesco, as mulheres* são o objeto da troca que consolida e diferencia as relações de parentesco, sendo ofertada como dote de um clã patrilinear para outro, por meio do casamento [...]. Em outras palavras, a noiva funciona como termo relacional entre grupos de homens; ela não tem uma identidade e tampouco permuta uma identidade por outra [...] (BUTLER, 2003, p. 68 *apud* BARROS, 2013, p. 60, grifos da autora).

Então, desde o início do romance, constatamos que tanto Jane quanto as suas irmãs são tratadas como objetos de construção e de manutenção das relações de poder, principalmente, no que diz respeito à Jane. É nesse momento que conseguimos identificar claramente a submissão de Jane, pois, ela concorda com os arranjos matrimoniais de sua mãe. Ademais, nesse contexto, “o casamento não é visto como algo que envolve sentimentos. O sentimentalismo é deixado de lado, e ocorre uma espécie de negociação, onde o que é levado em conta são os interesses das famílias. Após o matrimônio a esposa continua seu papel de submissão” (BARROS, 2013, p. 62).

Dessa forma, ao contrário de Elizabeth que recusa dois pedidos de casamento, vemos que Jane vive à espera de um pedido de casamento de Mr. Charles Bingley. Isso fica explícito quando presenciamos a seguinte conversa entre Elizabeth Bennet e Jane Bennet, referente à partida de Mr. Charles Bingley para Londres:

“É falta de sorte”, disse ela, após uma breve pausa, “que você não pôde ver suas amigas antes que deixassem a região. Mas não podemos esperar que o período de felicidade futura, pelo qual Miss Bingley anseia, possa chegar mais cedo do que ela está ciente e que a deliciosa amizade que vocês travaram como amigas seja renovada com ainda maior satisfação do que como irmãs? Mr. Bingley não se deterá em Londres por causa delas.” “Caroline decididamente diz que ninguém do grupo retornará a Hertfordshire neste inverno”. [...] “Está evidente”, acrescentou Jane, “que ele não mais voltará nesse inverno.” “É evidente para Miss Bingley, mas não quer dizer que ele não voltará” [...] (AUSTEN, 2012, p. 141; 143).

Curiosa para saber a opinião de sua amiga confidente a respeito da correspondência de despedida de Ms. Caroline Bingley para ela, Jane faz a seguinte indagação à Elizabeth:

“O que você acha desta frase, minha querida Lizzy?”, disse Jane quando terminou de ler. “Não é clara o bastante? Não declara expressamente que Caroline não espera, nem deseja, que eu seja a cunhada dela; que ela está perfeitamente convencida da indiferença de seu irmão; e que, se ela suspeita da natureza dos meus sentimentos por ele, ela quer dizer (muito bondosamente!) que eu deva me retirar? Pode haver outra opinião sobre tudo isso? “Sim, pode; pois a minha é totalmente diferente. Você a ouvirá?”. “Com muita boa vontade”. “Você a terá em poucas palavras. Miss Bingley vê que seu irmão está apaixonado por você e quer que ele se case com Miss Darcy. Ela o segue até a cidade na esperança de mantê-lo por lá e tenta persuadi-la de que ele não se importa com você” Jane meneou sua cabeça (AUSTEN, 2012, p. 143; 144).

Assim, confirmamos a nossa proposição de que Jane sempre está à espera de um pedido de casamento de Mr. Charles Bingley. Por ser a mais velha das irmãs (23 anos) e ainda não ter se casado, ela parece sentir que está sendo um fardo para os seus pais. Desse modo, o matrimônio se apresenta como a única saída para a sua situação socioeconômica. Nesse sentido, vemos que ela acaba se submetendo ao plano inicial de sua mãe, que era o de garantir uma situação financeira favorável para as suas filhas, mesmo que isso lhe custasse a subjugação e a submissão delas.

Em adição, vemos explicitamente o constante desejo de Jane Bennet em se tornar esposa de Mr. Charles Bingley, embora ela não queira assumir isso pelo fato de Miss Caroline Bingley se opor ao enlace de seu irmão com Jane. Isso fica claro através da seguinte afirmação de

Elizabeth Bennet para a sua irmã: “[...] De fato, Jane, você deveria acreditar em mim. Ninguém que já viu vocês juntos pode duvidar da afeição dele. Miss Bingley, estou certa, não pode. Ela não é tão simplória. [...]” (AUSTEN, 2012, p. 145). Então, com relação à essa afirmação de Elizabeth e os obstáculos impostos por Miss Caroline Bingley entre o seu irmão, Mr. Charles Bingley, e Jane Bennet, essa enfatiza: “Se pensarmos o mesmo de Miss Bingley”, replicou Jane, “sua representação disso tudo pode me tranquilizar muito. Mas sei que o fundamento é frágil. Caroline é incapaz de enganar alguém intencionalmente; [...]” (AUSTEN, 2012, p. 145).

Portanto, ao analisarmos os dois fragmentos literários anteriores, constatamos que Jane está sempre à espera do posicionamento de Mr. Charles Bingley com relação a um possível casamento, o que acaba contrastando com o posicionamento de sua irmã, Elizabeth, que recusa duas propostas de matrimônio. Diante desses posicionamentos antagônicos, entendemos que há uma reafirmação da submissão de Jane e da subversão de Elizabeth frente aos preceitos de uma sociedade patriarcal e oitocentista inglesa. Assim, com relação ao matrimônio, vemos que é um ponto muito discutido no romance, pois o objetivo da maioria das moças da narrativa – principalmente, de Jane Bennet – é passar maior parte de seu tempo em busca de um casamento como garantia de estabilidade socioeconômica e reconhecimento social para si e para a sua família. Esse comportamento de Jane se reflete no modo como Ms. Charlotte Lucas se casou com Mr. Collins, isto é, por conveniência, com o principal objetivo de garantir um futuro socioeconômico, respeito e prestígio social.

### **Considerações Finais**

Ao término da análise de ambas as personagens femininas, conseguimos identificar pontos contrastantes com relação à personalidade, ao comportamento, à postura e às ações frente a um contexto em que o pensamento patriarcal moldava o feminino. Em outras palavras, em uma situação na qual a sociedade é calcada nos preceitos, convenções, padrões e regras de um sistema patriarcal, resultante da formação do constructo social dos indivíduos a partir de uma perspectiva centrada na hegemonia masculina sobre as mulheres, conforme aponta Kate Millett (1970).

Nesse sentido, ao analisarmos as duas personagens, identificamos aspectos que contribuem para a construção da personalidade e do posicionamento de ambas. Com relação à Elizabeth, conseguimos caracterizá-la, através de suas ações, como uma representação do feminino no que diz respeito à subversão. Desse modo, ressaltamos alguns elementos que a caracteriza com tal configuração, tais como: a postura transgressora, a personalidade forte, o não conformismo, o apego à leitura e a rebeldia. Outro aspecto refere-se à sua recusa aos dois pedidos de casamento feitos por Mr. Collins e por Mr. Fitzwilliam Darcy, apresentando-a como uma moça que quebra os padrões de sua época, visto que ela corre o risco de tornar-se uma solteirona e ser apontada pela sociedade como inadequada.

Além disso, vemos que Elizabeth Bennet rompe com o padrão comum de mulheres prendadas para o contexto oitocentista inglês, uma vez que ela tem atitudes que estão em desacordo com as convenções de seu tempo; em outras palavras, em seu ultraje aos bons modos e à etiqueta, bem como a sua sagacidade discursiva. Ademais, a sua afirmação em casar-se apenas por afeição e não por obrigação, a torna uma moça subversiva em um contexto no qual a submissão da mulher à estrutura patriarcal é rigorosa.

Ao contrário de Elizabeth, ao estudarmos a caracterização de Jane Bennet, constatamos que ela possui um comportamento de submissão, obedecendo às convenções sociais da Inglaterra dos séculos XVIII e XIX. Dessa maneira, elencamos alguns aspectos que identificam a submissão de Jane e que, por conseguinte, influenciam na construção da sua personalidade e da sua postura, visto que são contrastantes com as da sua irmã, tais como: a neutralidade, o

conformismo, a candura, a subserviência, a aura angelical, a subordinação, o seu encerramento no âmbito privado, a obediência e o emudecimento.

Ainda, percebemos, ao longo da narrativa, que Jane apresenta um comportamento romantizado, por se encontrar sempre à espera de um pedido de casamento, confirmando o seu anseio pelo matrimônio por conveniência. Além disso, vemos que ela atende ao padrão comum de mulher prendada e submissa diante de um contexto histórico, político e cultural de uma sociedade inglesa georgiana, uma vez que Jane se apresenta como dotada de bons modos e etiqueta, e admirada pelas mais respeitadas damas de seu convívio.

Por fim, constatamos que Elizabeth Bennet se apresenta como transgressora e subversiva, por quebrar com todos os padrões de sua época, desde o seu o modo de se vestir até ao seu discurso; além de sua tentativa de construção de um lugar de fala em um contexto patriarcal repressivo no qual as mulheres não tinham vez nem voz perante a sociedade. Já com relação à sua irmã, Jane Bennet, ela se apresenta como obediente, submissa e emudecida pela fala da superioridade masculina, se apresentando, desse modo, como a legítima representação do “Anjo do Lar”; ou seja, o sujeito que não tem opinião nem vontade própria, com o principal objetivo de sempre concordar com as opiniões e as vontades dos outros, sobretudo, dos homens (Cf. WOOLF, 2019, p. 11-12).

### ***PRIDE AND PREJUDICE* (1813) BY JANE AUSTEN: SUBVERSION AND SUBMISSION FROM THE CHARACTERS ELIZABETH AND JANE BENNET**

**ABSTRACT:** This paper analysis the characterizations of the sisters Elizabeth e Jane Bennet as representations of subversion and submission in 19th century England. Into the novel *Pride and Prejudice* (1813) by Jane Austen, the investigation has based on the discursive and behavioural aspects of the sister-characters from the reading by Millett (1970), Muraro (2002), Woolf (2019), amongst others. Furthermore, we have started from the following hypothesis: Elizabeth subverts herself through an escape from marriage and an attachment to reading, while Jane herself submits through candour and neutrality.

**Keywords:** Nineteenth century English Literature. Jane Austen. Feminine characters. Subversion. Submission.

### **REFERÊNCIAS**

AUSTEN, Jane. *Orgulho e Preconceito*. Tradução e notas de Marcella Furtado. São Paulo: Landmark, 2012.

AZERÊDO, Genilda. As protagonistas de Jane Austen e a ruptura com as convenções sociais. *In: Para Celebrar Jane Austen: diálogos entre literatura e cinema*. Curitiba: Appris, 2013.

BARROS, Samira Alves. *Representações das Personagens Femininas de “Orgulho e Preconceito”, de Jane Austen*. 2013. 92f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Letras) - Universidade Estadual do Piauí, Teresina, 2013.

BRAIT, Beth. *A Personagem*. Série Princípios. 3. ed. São Paulo: Ática, 1987.

CANDIDO, Antonio. A Personagem do Romance. *In: CANDIDO, Antonio et al (orgs.). A Personagem de Ficção*. 13. ed. São Paulo: Perspectiva, 2018.

FARATH, Mariana Melo Cunha. JUNQUEIRA, João Francisco Pereira Nunes. Análise do romance “Orgulho e Preconceito” de Jane Austen: a autora, o gênero e as personagens. *EIE. Centro Universitário Teresa D’Ávila – (UNIFATEA)*. Lorena, v. 01, n. 02, p. 43-69, 2018.

Disponível em: <http://fatea.br/seer3/index.php/EIE/article/download/385/359/>. Acesso em: 15 set. 2019.

FERREIRA, Catarina Silva. Orgulho e Preconceito: heterogeneidade e presença do discurso feminista na obra de Jane Austen. *Disciplina das Ciências da Linguagem II. In: Ciências da Linguagem*: Jorwiki. Escola de Comunicações e Artes da USP. Departamento de Jornalismo e Editoração. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: [http://www.usp.br/cje/jorwiki/exibir.php?id\\_texto=345#up](http://www.usp.br/cje/jorwiki/exibir.php?id_texto=345#up). Acesso em: 22 out. 2019.

FORSTER, Edward Morgan. *Aspectos do romance*. Tradução Sergio Alcides. 4. ed. São Paulo: Globo, 2005.

GANCHÓ, Cândida Vilares. Elementos da Narrativa: Personagem. *In: \_\_\_\_\_ Como Analisar Narrativas*. Série Princípios. 7. ed. São Paulo: Ática, 2006.

MILLETT, Kate. *Sexual Politics*. New York: Doubleday, 1970.

MURARO, Rose Marie. *A mulher no terceiro milênio: uma história através dos tempos e suas perspectivas para o futuro*. 8. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2002.

WOOLF, Virginia. Profissão para as mulheres. *In: \_\_\_\_\_ Profissão para as mulheres e outros artigos feministas*. Trad. Denise Bottmann. Porto Alegre: L&PM, 2019.

WOOLF, Virginia. *As mulheres devem chorar... Ou se unir contra a guerra: patriarcado e militarismo*. Tradução Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

ZARDINI, Adriana Sales. A Identidade Feminina na Obra ‘Orgulho e Preconceito’ de Jane Austen. *Anais do Simpósio Internacional de Letras e Linguística...* Uberlândia: EDUFU, 2013. 12p. Disponível em: [http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2013\\_2049.pdf](http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2013_2049.pdf). Acesso em: 01 out. 2021.

**Data de submissão: 27/05/2022**

**Data de aceite: 08/08/2022**